

51ª FEIRA DO LIVRO CONCLUSÃO

*Frei Rovílio Costa*¹
Patrono da 51ª Feira do Livro

Cada Feira é uma Feira. E a 51ª Feira do Livro de Porto Alegre o foi a seu modo também. Dentro da evolução criativa das 51 Feiras, é apenas o aperitivo do que será a Feira de 2006.

Desde 1958, fui à Feira comprar livros, e via o livro como medidor de comércio. Como patrono da 51ª Feira do Livro de Porto Alegre, passei a ver o livro como mediador de cultura e, no caso de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, como componente seguro de identidade gaúcho-brasileira. Se, antes, pouco entendia a magia própria da Feira, hoje nada mais entendo, porque a Feira do Livro de Porto Alegre se constrói e reconstrói a cada dia na mente das pessoas e nas formas de expressão, como uma sinfonia cultural, orquestrada pela Câmara Rio-Grandense do Livro.

A 51ª Feira trouxe consigo as experiências anteriores e está abrindo caminhos para novos avanços. É natural que a última edição ultrapasse as anteriores, sobre as quais se fundamenta.

E a 51ª Feira foi perfeita na *metereologia*, pois teve chuva, tormenta e sol. O São Francisco do Canindé mandou o sol, lá do Ceará. O São Francisco do Porto dos Casais olhou para os jacarandás e mandou a chuva, e uma tormentazinha para precaver os livreiros de cuidarem bem dos livros, pois prever o tempo é antecipar a mentira.

A propósito do sol do Ceará e da chuva do Rio Grande do Sul, as Feiras de Porto Alegre vão desenhando ao Estado a verdadeira fisi-

¹ Professor aposentado da UFRGS, Editor de livros.

onomia do Brasil. No centenário da Feira, em 2054, estaremos no segundo turno dos Estados homenageados.

A canção *Mèrica, Mèrica*, o que será esta América, que há 130 anos os antepassados italianos cantavam, junto a poloneses e suíços, seguindo-se outros contingentes étnicos? Pode ser substituída por *Mèrica, Mèrica*, esta é a América, pela qual italianos e descendentes, de mãos dadas a indígenas, africanos e demais etnias, comunicamos à mãe-pátria a América que fizemos no Rio Grande do Sul e no Brasil.

Quando se abrir aqui a centésima primeira Feira do Livro, serão mais de 50 os países homenageados. E a relação do Rio Grande do Sul com o mundo e do mundo com o Rio Grande do Sul será outra. Estamos dando ao ser gaúcho e ao ser brasileiro um ingrediente universal. Enquanto o Brasil e o mundo chegam à Praça da Alfândega para mais uma Feira do Livro, diferentemente de intercâmbios comerciais e empresariais, vêm ouvir a nossa voz e auscultar o palpitar do coração dos pampas, vêm festejar nossa cultura em todas as dimensões. Pois nossa Feira do Livro é a grande feira de nossa cultura como um todo, e, progressivamente, da cultura brasileira e mundial, tendo como personagem o livro.

Idosos, recém-alfabetizados, esquentaram seu coração e suas mentes, ao adquirir na 51ª Feira do Livro de Porto Alegre seu primeiro livro, a partir de um real, e têm o livro como mediador na viagem ao seu interior.

Expressões étnico-culturais, programadas algumas, espontâneas outras, fluíram ao natural, fazendo da Praça da Alfândega um encontro de antigos e a descoberta de novos amigos, longe de formalidades e artificios, apenas jungidos pelo falar, ouvir e deixar falar, pelo pensar e sonhar de leitores, de um lado, e de escritores e livros, de outro.

Da percepção se chega à ideação, e da ideação se parte para a ação.

Cervantes, cujo Dom Quixote faz 400 anos, seria outro, e muito mais gênio, se em sua infância tivesse convivido com uma feira de livros como a Feira Infantil de Porto Alegre, e se tivesse começado a perceber o mundo cultural, através de livros e jogos infantis em papel, que às dezenas podem estar em contato físico com as crianças da atualidade.

Omitindo-me de falar de *arte e cultura* nas diferentes dimensões, presentes na Feira; da clarividência da mídia que, olhando para o livro, busca o espírito da Feira e a torna, via real ou virtual, uma feira universal; de empresas e instituições financeiras que acreditam e apóiam a forma escrita; da política e da religião, presentes sob formas próprias ..., destaco, na 51ª Feira do Livro de Porto Alegre, a organização da Feira Infantil, base do futuro das Feiras do Livro e do próprio livro.

Perceber o mundo da cultura com o próprio corpo, para depois identificá-lo e, finalmente, avaliá-lo, começa com o livro infantil. Mediante letras e figuras, a criança começa como escritora, para depois ser leitora. Escritora de si mesma, através de grafemas de expressão corporal, que se traduzem depois em fonemas, palavras, frases, textos e livros. E o livro passa da percepção à ideação. Do concreto ao conceitual. Em ambos os casos, remete o ser humano à sua interioridade.

Mais importante que estudar é ler. No ler os outros, nos lemos a nós mesmos. E hoje, quando pessoas se distanciam de pessoas, pais se esquecem dos filhos, e filhos dos pais, mais importante do que estudar e ler é escrever. O caminho natural é perceber, grafar, ler e estudar.

Para se defender do mundo instituído e para defender o próprio mundo percebido, o ser humano tem dois caminhos – ou ser um clone do instituído, ou ser uma alternativa-pessoa, capaz de expressar seu sentir, seu pensar e seu propor – três verbos que referem a identidade como eterna construção, que jamais será empobrecida por aquilo que chamamos conquista. O homem se conquista em nunca se conquistando.

O livro é um conceito, hoje colocado preferentemente no papel, e secundariamente no virtual; amanhã, privilegiadamente colocado no papel, e, talvez, universalmente no virtual.

O escrever, outrora privilégio de um Cervantes (400 anos de Dom Quixote), de um Andersen (200 anos de O Patinho Feio), de um Veríssimo (*100), Verne (†100), Einstein ((†50), Sartre (*100), Francisco de Assis (800 da conversão e Cântico do Sol)..., para citar algumas datas redondas desta Feira, hoje desponta como necessidade pessoal em face do mundo da globalidade.

O virtual, os *blogs*, estão aí como oportunidades, sem censuras do formal e do cultural cabestreados, possibilitando a todos o prazer de serem leitores de si mesmos, para depois serem lidos por internautas

ou por aficionados ao papel, apertando com prazer, choro, lágrimas, harmonia ou revolta, amareladas páginas escritas. O caminho do papel é o virtual, e o caminho do virtual é o papel.

Somos alfabetizados, com necessidade de nos pensarmos em nós mesmos e no mundo, para vencermos o suicídio do ensimesmamento, através do ler, pensar e escrever. A palavra precisa de espaço adequando para comunicar-se como força criativa, à semelhança do Criador, e como força transformativa, à semelhança do Salvador.

Superando a expressão – palavras jogadas ao vento – joguemos nossas palavras no papel, ou em outra qualquer forma que lhe dê a consistência, o compromisso e a fertilidade renovadora da vida que pretendemos comunicar. A vida nos foi comunicada para a comunicarmos. O livro é seu palco de liberdade.

O livro que vai ao papel é o mesmo que povoou nossas mentes como idéia, e ao infinito se re-elabora, buscando corporeidade. As florestas do mundo não seriam suficientes para acolher, hoje, tantos vocacionados à genialidade da escrita. Todos nascidos com o mesmo direito, para cuja realização não há papel suficiente. E poucos sobrevivem à seleção, não natural, mas arbitrária.

No real ou no virtual, todos teremos protegido o direito de concretizar nosso pensar em livro como uma idéia universal.

Festejar o livro como conceito é abrir-lhe caminho à perenidade real e virtual, virtual e real.

Avaliar a cultura por critérios definidos é desconhecer a subjacência da própria cultura que contesta o instituído, denuncia seus equívocos e abre janelas para o mundo ecumênico da coerência e da verdade, escudadas na força da humana fragilidade.

Viva o livro, esteio global das culturas. Viva a 51ª Feira do Livro de Porto Alegre para o Brasil e para o mundo, com os pés no chão porto-alegrense, à sombra dos jacarandás, ao sol do Ceará e à neve da Itália.